

ALFAGUARA

Marie NDiaye

Ladivine

Tradução de Catarina Ferreira de Almeida



Voltava a ser Malinka assim que subia para o comboio e, como deixara há muito de reparar nisso, não o sentia como um prazer ou uma contrariedade.

Mas era evidente, ela sabia-o, que já não respondia espontaneamente pelo nome de Clarisse nessas raras ocasiões em que uma pessoa conhecida apanhava o mesmo comboio, a chamava ou cumprimentava pelo seu nome, Clarisse, e a via reagir com uma surpresa perplexa e um vago sorriso, criando uma situação de mútuo embaraço que ela própria, com um ar um pouco obtuso, não se dispunha a desfazer com um simples «bom dia» ou um «como vai» ditos com naturalidade.

Foi graças a isso, à sua incapacidade de responder pelo nome de Clarisse, que comprovou que era Malinka assim que entrava no comboio para Bordéus.

Ter-se-ia virado de imediato, também o sabia, se alguém a tivesse tratado por esse nome, se alguém, avistando o seu rosto ou reconhecendo de longe a sua esguia silhueta, o seu modo de andar sempre um pouco vacilante, tivesse gritado: «Eh, Malinka, bom dia!»

Coisa que nunca aconteceria — mas tinha assim tanta certeza?

Tempos houvera, agora distantes, em que, numa outra cidade, numa outra região, as raparigas e os rapazes a tinham tratado por Malinka por não lhe conhecerem outro nome e porque ela, de resto, ainda não inventara um.

Não era impossível que uma mulher da sua idade a abordasse um dia e lhe perguntasse, com agradada surpresa, se ela não era a Malinka do seu passado, dessa escola ou cidade de cujo nome e aspeto ela, Clarisse, já se esquecera.

E um sorriso ter-lhe-ia assomado aos lábios, e não seria vago mas seguro e audaz, e ela não teria ficado surpreendida ou perplexa, ainda que o mais certo fosse não reconhecer a mulher que alegava tê-la conhecido quando ela era Malinka.

Mas reconheceria o seu nome, e a mania que tinha a última sílaba de se demorar na atmosfera, deixando um rasto de promessas, expectativas felizes e juventude intacta, razão por que não veria desde logo motivo algum para deixar que o embaraço se instalasse entre ela e essa antiga colega de escola, de quem não guardaria qualquer memória, pelo que se empenharia em espelhar no seu rosto a alegria da outra mulher, antes de se lembrar do risco que corria ao aceitar voltar a ser Malinka, ainda que esporadicamente.

Não se atrevia sequer a pensar no modo como se devia comportar num momento desses.

Virar bruscamente as costas a essa pessoa, fazer uma careta simulando incompreensão excederiam largamente as tímidas falhas de cortesia e de gentileza admissíveis para uma Clarisse Rivière habituada à neutralidade.

Sentada no comboio, de olhos fixos na vidraça, no grão e nas ínfimas estrias do vidro que o seu olhar não atravessava, de tal modo que teria dificuldade em descrever a paisagem que percorria num sentido de manhã, e no outro

de tarde, uma vez por mês, havia anos e anos, ela tremia de apreensão só de imaginar que teria de se mostrar reservada no caso de alguém a tratar por Malinka.

Depois, os seus pensamentos partiam noutra direção, e esquecia-se aos poucos da razão por que tremia, ainda que o tremor persistisse e ela não soubesse como parar de tremer e até acabasse por responsabilizar vagamente o movimento do comboio que, sob os seus pés, por dentro dos seus músculos, e na cabeça cansada, entoava o nome que ela amava e odiava, que lhe inspirava ao mesmo tempo medo e compaixão, Malinka, Malinka, Malinka.

Nem sempre fora fácil, quando a sua filha, Ladivine, ainda era pequena, viajar assim em segredo para Bordéus, passar aí uma parte do dia e regressar suficientemente cedo para não levantar suspeitas.

Mas conseguira sempre.

Não era algo de que se orgulhasse ou envergonhasse.

Fizera aquilo que devia fazer, fá-lo-ia até à morte de uma ou de outra e, para isso, servira-se de todos os recursos à sua disposição, que sabia serem escassos — a inteligência, a astúcia, a tática.

Por vezes, convencia-se de que não possuía nenhuma destas faculdades, ou que as perdera ao longo dos anos, mas conseguira apesar de tudo mobilizar o que não tinha para criar um sistema seguro e adaptado à situação.

Mas não era algo de que se orgulhasse ou envergonhasse.

Como um animal, fazia aquilo que devia fazer.

Não tinha a respeito disso qualquer opinião, ou sentimento, apenas a convicção obstinada, inabalável, quase inata, de que lhe incumbia a dupla responsabilidade da ação e do segredo.

E quando, chegada a Bordéus, se dirigia a pé para o bairro de Sainte-Croix, seguindo sempre pelas mesmas ruas e caminhando sempre pelo mesmo lado dessas ruas, não era tanto a obrigação do segredo como o dever que se impusera de nunca fraquejar que a impedia de apanhar um táxi ou, mais tarde, o elétrico, onde os passageiros habituais podiam acabar por reconhecê-la, dirigir-lhe a palavra, perguntar-lhe para onde ia, perguntas a que Clarisse Rivière, que naquela cidade era Malinka em espírito e incapaz de inventar o que quer que fosse, não conseguiria responder senão com a verdade.

— Vou visitar a minha mãe — teria respondido.

Era inconcebível que pudesse ser levada a pronunciar tal frase.

Ficaria com a sensação de ter fracassado, na única coisa em que o fracasso não podia ser perdoado, esquecido ou transformado num simples erro: a própria missão de toda a sua existência, que não tinha outro propósito, dizia a si própria, tão evasiva quanto implacável, que o de dissimular perante tudo e todos que Clarisse Rivière se chamava Malinka e que a mãe de Malinka não estava morta.

Virava na sombria Rue du Port, parava diante da casa de paredes enegrecidas, entrava com a sua chave e, lá dentro, no vestíbulo húmido, abria a porta do apartamento.

A mãe, ainda que avisada da sua chegada, uma vez que Clarisse Rivière a visitava na primeira terça-feira de cada mês, acolhia-a sempre com a mesma exclamação de falsa surpresa, tingida de um sarcasmo pouco subtil:

— Até que enfim, a minha filha!

E isto já deixara havia muito de aborrecer Clarisse Rivière, ciente de que era apenas a maneira de a sua mãe lesada exprimir o que, lá no fundo, devia ser o afeto,

ou mesmo a ternura, que sentia por ela, Malinka, que numa outra vida usava um outro nome que a sua mãe ignorava.

De Clarisse Rivière, a mãe de Malinka nada sabia.

Mas não era assim tão ignorante a ponto de não saber que nada sabia. Fingia não suspeitar que, na primeira terça-feira do mês, a sua filha Malinka lhe chegava de uma existência mais estruturada e menos solitária do que aquela que lhe desenhara em traços largos muito tempo antes, e na qual não parecia viver e trabalhar senão de maneira acessória, com o único objetivo de fazer uma visita à sua mãe uma vez por mês.

Clarisse Rivière sabia que, se a mãe dela fingia deixar-se enganar, se nunca procurava saber mais e se, por vezes, até parecia não querer em circunstância alguma ser esclarecida, era porque compreendera e aceitara as razões do seu segredo.

Compreendê-las era uma coisa, mas como e por que razão as aceitara?

Oh, quanto a isso, quanto à muda submissão da sua mãe ao que a devia ter escandalizado, uma vida inteira não seria suficiente para Clarisse Rivière sentir toda a gratidão que lhe devia — uma gratidão maculada de desespero e de rancor, e para se redimir.

E, contudo, fora por dever que agira assim.

Não era algo que se pudesse explicar, justificar ou absolver.

Que a sua mãe, tendo compreendido e sentido a mágoa e o fel de uma tal compreensão, que não podia ser partilhada com ninguém, se tivesse tornado uma mulher difícil, rancorosa e temperamental, amiúde ofensiva, não era suficiente para Clarisse Rivière.

Ela queria que a mãe fosse mais difícil ainda; queria-a mais rancorosa e indignada.

Mas a coisa em si não podia ser dita.

Só podia ser expressa pela irritabilidade, o rancor amargo, e mesmo assim apenas se essas manifestações de azedume não se aproximassem demasiado das palavras do que não devia ser dito.

Ocorria-lhe por vezes que essas palavras, mal fossem pronunciadas, as matariam às duas — a ela porque aquilo que fizera, aquilo que sentira como um dever e uma obrigação, era imperdoável; à mãe porque, à humilhação de ter sido tratada daquela maneira, se juntaria a humilhação de o ter sabido e aceitado, ainda que com raiva e ressentimento.

Essas palavras, pensava por vezes Clarisse Rivière, tê-las-iam matado.

E, se assim não fosse, se elas lhes sobrevivessem, nunca mais poderiam, em todo o caso, voltar a ver-se.

Eis o que Clarisse Rivière temia acima de tudo: ser obrigada a renunciar a essas visitas, embora estas lhe proporcionassem apenas um prazer ambivalente, uma emoção carregada de tristeza e insatisfação.

Ela entrava no apartamento e encontrava a mãe de pé ao lado da janela, de onde observara o passeio estreito à espera de a ver chegar, e agora a mãe já não se empenhava em compor uma expressão convincente de surpresa.

Simulava-a com preguiça e sem certeza, como se já lhe causasse lassidão a própria ideia de teatro, esse jogo de que seriam reféns, uma e outra, para todo o sempre.

Clarisse Rivière sentia-a sem falha, a profundidade dessa lassidão, e inquietava-se por um breve instante.

Por vezes, imaginava que tinham finalmente atravessado as múltiplas camadas de silêncios e vergonhas que,

mais do que as separavam, as enredavam, e alcançado uma forma de sinceridade, na medida em que a sinceridade também se pode travestir de comédia.

Era como se se vissem claramente uma à outra através das suas máscaras, pensava por vezes, sabendo que nunca as tirariam do rosto.

Porque a verdade nua e crua não teria tolerado ser vista.

— Até que enfim, a minha filha! — suspirava a mãe de Malinka, e isso já não irritava Clarisse Rivière. Ela sorria com um sorriso ambivalente que nunca fazia noutros lugares, ao mesmo tempo terno e circunspecto, aberto e subitamente interrompido.

Dava um beijo à mãe, que era baixa e esguia, bem proporcionada, e que tinha, como ela, ossos finos, ombros estreitos e braços longos e magros, e um rosto de traços compactos, pouco salientes, de uma beleza perfeita ainda que discreta e quase invisível.

Na região onde a mãe de Malinka nascera, um lugar onde Clarisse Rivière nunca estivera e nunca estaria — embora tivesse procurado de forma furtiva e com um grande mal-estar algumas imagens na internet —, as pessoas tinham os mesmos traços delicados, harmoniosamente unidos no rosto como se houvesse uma preocupação de coerência, e os mesmos braços longos e quase tão finos no ombro como no pulso.

E o facto de a sua mãe ter herdado essas características físicas de uma longa linhagem e de as ter em seguida transmitido à filha (as feições, os braços, o comprimento da silhueta e, graças a Deus, nada mais) causara-lhe noutros tempos uma fúria atordoante, pois como escaparia de forma permanente estando assim marcada, como podia

alegar não ser o que não queria ser, aquilo que, apesar de tudo, tinha todo o direito de não querer ser?

Mas a fúria também a abandonara.

Naqueles anos todos, Clarisse Rivière nunca fora desmascarada.

Por isso, com a idade, a fúria também a abandonara.

Porque Malinka nunca fora obrigada a sair de dentro de Clarisse.

A mãe vivia naquele T0 no rés do chão, pago em parte por Clarisse Rivière, e onde uma grade negra protegia a janela de eventuais ladrões.

Impecavelmente mantido, limpo e sacudido todos os dias com um fervor, uma ansiedade maníacas, estava forrado de velhos móveis e bibelôs que não condiziam uns com os outros mas cuja amálgama colorida e envernizada, a extravagante acumulação num espaço tão exíguo, acabavam por criar um efeito de involuntária mas acolhedora peculiaridade, qualquer coisa de quase aberrante no seio da qual Clarisse Rivière se sentia, embora com algumas reticências, bastante bem.

Sentava-se numa poltrona de veludo relevado com os braços cobertos de naperões de tule, enquanto a mãe permanecia de pé numa rigidez desconfiada e defensiva, que já não tinha razão de ser e era apenas o vestígio de uma postura antiga, motivada por outras circunstâncias, quando Clarisse Rivière se tentara furtar ao seu dever, à sua missão — oh, custava-lhe lembrar-se disso, desse tempo em que tentara não ter mais nada que ver com a mãe de Malinka, o que seria muito errado.

A mãe sabia que já não havia razão para temer que a abandonassem, ou que fugissem dela, mas conservava-se vigilante nos primeiros momentos das visitas de Clarisse

Rivière, fingindo guardar a filha que ainda podia querer escapar-lhe e, na realidade, dominando-se a si própria na sua recusa obstinada, injustificada, de se deixar ir, como se fizesse questão de se comportar perante ambas como a figura dramática da dignidade irreparavelmente ultrajada.

Não era necessário, pensava Clarisse Rivière, nunca tinha sido.

Ela sabia, como a mãe também sabia, que o ultraje estava ali, à volta delas, no simples facto de Malinka visitar a mãe em segredo porque decidira que era assim que ia ser, e porque, tomada essa decisão tão escandalosa, não havia como voltar atrás.

O ultraje não podia ser esquecido, e não era necessário exprimi-lo com má cara, ou com um certo silêncio que, querendo-se eloquente, encharcava o ultraje de um lirismo um pouco degradante.

Assim pensava Clarisse Rivière, embora sentisse crescer a sua ternura quando via a mãe pouco à vontade nos seus estratagemas para parecer maior do que alguma vez podia ser.

Porque a mãe de Clarisse Rivière não era senão uma pobre mulher que teria sido perfeitamente feliz com as pequenas alegrias de uma existência banal, e a quem mal se podia censurar não ter sempre os gestos exatos no palco onde a sua filha a forçava a estar.

Ela própria, Clarisse Rivière, tivera os seus deslizes.

Acontecera-lhe desatar a chorar na sua poltrona, com soluços súbitos e violentos aparentemente provocados por uma altercação que podia ter tido com a mãe, mas que, na realidade, não tinham outra causa senão um assalto brutal da sua própria consciência.

Como podiam as pessoas viver assim?, interrogava-se de repente. Não devia tudo aquilo ter sido diferente?

Mas, sem falha, e mesmo no meio das crises de lágri-mas, essa vontade antiga, primitiva, obtusa, reerguia-se para lhe fazer ver que as coisas eram exatamente como deviam ser, e tão segura era essa vontade cega e estúpida, essa selvagem determinação da sua juventude, que Clarisse Rivière nunca temera perdê-la num momento de fraqueza.

Só nos próprios gestos vacilava.

Via-se a si própria a soluçar no sofá e considerava-se medíocre, considerava-se uma mulher vulgar e uma atriz excessiva, como a mãe, só que, para ela, não havia desculpa.

E depois aquilo passava-lhe. Esquecia esse momento de fraqueza.

E não lhe restava senão a recordação um pouco espantada do despertar de uma tenacidade que, em si, era dominante, e que ela não concebia trair. O motivo por que esse poder no fundo de si própria estremecera era algo que acabava por esquecer.

Todas as primeiras terças-feiras do mês, a mãe de Malinka recebia dinheiro suficiente para fazer as suas compras até à visita seguinte, assim como um pequeno presente, um frasco de água de colónia, um perfumador de ambiente, um pano de linho genuíno, porque amava apaixonadamente os objetos e as surpresas, e Clarisse Rivière, que se dava ao trabalho de arranjar tudo aquilo, não se convencia a estender-lhe apenas um envelope frio, com notas lá dentro.

Depois, sentavam-se as duas na minúscula cozinha do apartamento e comiam a refeição que a mãe preparara na véspera, vitela à Marengo, empadão de carne ou couve

recheada de pato confitado, e só a mãe falava das coisas que fizera durante esse mês e de algumas pessoas que conhecera no clube de senhoras velhas do bairro, e já não era um peso entre uma e outra que Clarisse Rivière não pudesse dizer uma única palavra acerca da sua vida e que a mãe não lhe pudesse fazer uma única pergunta.

Tempos houvera em que, findo o seu relato, a mãe de Malinka ficava com um ar um pouco esgazeado, os lábios entreabertos, e fitava com olhos húmidos e suplicantes, embora sem esperança e resignados, o rosto de Clarisse Rivière, que então se tornava tão frio, tão duro, que a mãe até baixava os olhos.

Instalava-se então entre as duas um silêncio pesado e doloroso, até a mãe de Malinka retomar uma história, uma história qualquer, uma insignificância já relatada, e o rosto de Malinka voltar a ser aos poucos aquilo que era, o rosto belo e doce, terno e sonhador que a mãe dela conhecia e amava e cujos traços eram semelhantes aos seus.

A mãe deixara-se dessas vertigens, dessas expectativas inúteis e dissonantes.

Já eram raras as vezes em que levantava os olhos para o rosto fino e quase intacto de Clarisse Rivière, sabendo que agora o encontraria sempre impregnado de uma bondade lisa, distante e reservada que faltava ao seu próprio rosto atormentado, todo crispado de nervosismo.

Já não pedia, ou esperava, o que quer que fosse.

A própria agitação não era senão uma sequela de tempos idos, quando ansiava por saber como vivia a sua filha Malinka, quando era um desespero não o saber mas ainda não conseguia aceitar que nunca o saberia.

Agora, Clarisse Rivière tinha a impressão de que a sua mãe já não queria saber de coisa alguma, que era demasiado

tarde, que o equilíbrio que ela finalmente encontrara no silêncio e na incerteza seria desfeito com um retorno duvidoso.

Pois, se nem sabia da existência de Richard ou de Ladvine, que bem lhe faria agora ver uma fotografia dos seus rostos de adultos, de dois desconhecidos que nada sabiam a seu respeito?

Não lhe teriam parecido, esses rostos sorridentes, esses rostos que se ofereciam à vida e nada cuidavam dela, a mãe de Malinka, e que eram felizes na ignorância da sua existência, não lhe teriam parecido hostis, esmagadores na evidência do seu contentamento?

A mãe servia o café e depois dizia: vou-me vestir, que significava que ia despir as calças de ganga e a *sweatshirt* que usava dentro de casa para voltar a vestir as calças de tergal bege e a camisa com um estampado de flores ou de quadrados pequenos que só usava para sair, transformando assim a mulher jovem que ainda parecia ser, com os seus membros magros e direitos bem proporcionados dentro do algodão desbotado, em senhora de uma certa idade, com um ar envelhecido, modesto, proletário.

E, com o passar dos anos, mais parecia crescer essa distância entre o ar juvenil que conservava dentro de casa, e que não mudava, e a aparência humilde e antiquada que assumia quando se preparava para sair, como se fosse necessário que a verdade da velhice e da penúria rebentasse algures, pensava Clarisse Rivière, na ausência da verdade essencial, a da própria vida.

Depois, partiam as duas pelas ruas de Sainte-Croix, numa caminhada que era sempre a mesma.

Se o acaso as levava a cruzarem-se com alguém conhecido, a mãe de Malinka parava, um pouco rígida, um pouco

solene, parecida com uma rainha muito ligeiramente importunada, apenas o tempo necessário para trocar algumas palavras sem consequência com essa outra mulher que não conseguiria impedir-se, apesar do hábito, de deitar alguns olhares furtivos e curiosos na direção de Clarisse Rivière, imóvel e fria, sabendo a vizinha, essa companheira do jogo da bisca, que se tratava da filha, embora nunca lhe tivesse sido apresentada, e respeitando instintivamente a tácita interdição de fazer perguntas, ou mesmo de dar a entender que se dera conta de que havia ao lado da mãe uma mulher silenciosa, de rosto branco.

A mãe de Malinka passeava assim a sua filha como se ela fosse o objeto da sua desonra, uma desonra tão grande que nem o próprio olhar a devia contemplar, e apenas Clarisse Rivière sabia que a mãe, bem pelo contrário, sempre tivera nela um orgulho sem reservas e que era ela, Clarisse Rivière, quem dava o braço ao objeto da sua vergonha.

Regressavam depois ao pequeno apartamento de onde, a meio da tarde, já desaparecera toda a luz.

A mãe de Malinka lançava-se então na preparação de uma sobremesa complicada, uma tarte, *petits-fours*, *entremets*, que não conseguiria terminar antes da partida de Clarisse Rivière, como bem sabia, embora fingisse acreditar que a filha levaria aquela sobremesa para sua casa, que a filha se alegraria com a ideia de a levar para casa, onde provavelmente viviam (e ela, a mãe, só o podia presenciar, porque nada sabia a esse respeito e ignorava com quem e com quantas pessoas a filha partilhava a vida dela) seres que não estavam a par da sua existência e aos quais a filha teria de mentir acerca da origem das sobremesas, fingindo em todo o caso acreditar.

Clarisse Rivière já deixara de resistir havia muito tempo.

Sentava-se no sofá de veludo e, plácida, indiferente, quase apática, seguia com os olhos a sua mãe, que entrava e saía com nervosismo da pequena cozinha e revolia os armários em busca de ingredientes e de louça.

Clarisse Rivière olhava-a sem a ver, plácida, indiferente e imóvel no sofá de veludo, como se fosse ela a velha senhora e pensamentos frios, impessoais, lhe esvoaçassem pelo espírito imperturbável.

Dizia a si própria que não seria difícil levar para casa um bolo confeccionado pela sua mãe, porque nem Richard nem Ladvine, que não eram por natureza desconfiados ou curiosos, lhe fariam perguntas a esse respeito.

Mas nunca o teria feito, pensava ela.

Mais facilmente teria deitado o bolo num caixote do lixo da estação.

A mãe de Malinka não devia introduzir-se na vida de Clarisse Rivière de forma alguma e apenas ela, Clarisse Rivière, podia permitir-se comer a comida que ela preparava, o bolo de lágrimas, os biscoitos amassados com fúria.

Apenas ela, Clarisse Rivière, porque a amargura a atravessava sem nela se espalhar.

Deixava assim que os seus duros e pequenos pensamentos lhe volteassem no espírito como aves estríduladas, e a mãe não os conseguia ouvir, andava numa roda-viva e nada ouvia.

A mãe tagarelava, comentando os seus próprios gestos e, conforme as horas passavam e se aproximava o instante da partida, lançava-se mecanicamente num discurso invariável que tivera por desígnio, muito tempo antes,

inspirar a compaixão da sua filha Malinka, e a compaixão nunca viera mas as palavras continuavam a ser as mesmas, recitadas sem esperança ou paixão, como que por fidelidade a essa mulher de outrora, a mãe de Malinka que acreditara ser capaz de demover a filha, e cuja recordação devia ser respeitada e mantida.

Oh, mas a compaixão viera, pensava Clarisse Rivière, e ainda lá estava, sempre vibrante e dolorosa assim que ela voltava a ver a mãe.

Mas de nada servia essa compaixão, porque a vontade era mais forte.

Ela levantava-se de supetão, e a mãe sobressaltava-se.

Pegava na mala e, sem falha, partia com brutalidade, com um beijo de fugida, deixando a mãe com as mãos cobertas de manteiga ou de farinha, e nada teria impedido Clarisse Rivière de partir embora ela se comportasse, por delicadeza, como se um assomo de ternura a pudesse ter abrandado, como se ela se tivesse de bater consigo própria para não correr o risco de se enternecer, quando a verdade era que, mal chegava a hora de sair daquele apartamento sufocante, se sentia aliviada, quase feliz, reanimada por um prazer violento, impaciente.

A visita seguinte, dali a um mês, parecia-lhe tão distante que se tornava hipotética e, embora ela tivesse sofrido horrores se nunca mais voltasse a ver a mãe, era um sonho sedutor, que a enchia de uma alegria selvagem, vertiginosa.

Porque ela podia ter decidido nunca mais voltar, podia ter aliviado a sua vida do peso da existência clandestina da sua mãe sem que ninguém soubesse do facto e a julgasse.

A verdade é que fugia para a rua, corria quase, inebriada, só lhe apetecia gritar, e o sangue latejava-lhe nas têmporas.

Parecia-lhe então que acabara de se subtrair ao perigo e que, mais uma vez, Clarisse Rivière escapara à mãe de Malinka antes de esta conseguir mudar de condição e tornar-se, explorando uma falha na vigilância da filha, a mãe de Clarisse Rivière.

Mas a mãe de Malinka continuava a ser apenas o que devia ser, e tudo corria bem.

Ela podia esquecer aquela velha mulher, o bairro Sainte-Croix, o rés do chão sombrio, oh, aquela velha maluca, ela podia esquecê-la.

Uma vez, nesse estado de grande exaltação, chegara mesmo a desmaiar ao fundo da rua e perdera um dos sapatos, que fora parar à valeta suja e molhada.

Alguém que a ajudara a levantar-se conduzira-a à farmácia mais próxima.

E ali, enquanto a convenciam a sentar-se e lhe humedeciam a testa, fazendo-lhe algumas perguntas a respeito da sua saúde e da sua identidade, ao mesmo tempo que uma mão cheia de amabilidade lhe calçava o sapato e ela estremecia de repugnância ao sentir no pé nu a sujidade húmida, jurara nunca mais se encontrar naquela situação, em que, tão perto da casa da mãe, desconhecidos se dirigiam a Clarisse Rivière e lhe tentavam arrancar algumas palavras, propondo telefonar a alguém para a vir buscar, tudo coisas a que ela respondera com alguns acenos da cabeça.

Tinha de se libertar desse fervor que a tomava de assalto sempre que ela abandonava a mãe de Malinka e que, no limite, a levava a perder os sentidos.

Possuía dentro de si profundas e inesgotáveis reservas de frieza.

E prometeu a si própria que mergulharia nessas reservas sempre que estivesse de partida.

Contudo, o êxtase era sempre mais forte, e ela não conseguia impedir-se de saltitar como uma criança quando regressava à estação de comboios, com a pele mais quente, ruborizada por esse ardor reprimido que a consumia, a angústia e alegria da libertação.

Da época em que ainda se chamava Malinka guardava uma memória vaga e confusa, a preto-e-branco, com uma impressão fugaz de rostos petrificados, como num filme antigo e obscuro em que Malinka e a mãe não eram as protagonistas mas duas atrizes coadjuvantes de outra rapariga e de outra mãe, mais interessantes.

Parecia-lhe ter sabido desde o princípio, antes mesmo de ter começado a falar e a compreender, que Malinka e a mãe não eram importantes para ninguém, que era assim e que não havia razões para se queixarem disso, que elas eram flores obscuras cuja existência não tinha justificação, flores obscuras.

Clarisse Rivière esquecera-se do nome do lugar onde crescera da mesma forma que se esquecera de quase tudo o que dizia respeito à vida dessa rapariga chamada Malinka.

Lembrava-se apenas que ficava nos subúrbios de Paris e que havia, ao fundo de um pátio lajeado perto da via-férrea, duas pequenas divisões muito limpas. Uma delas era o seu quarto, com uma janela ao nível do chão do pátio, onde cresciam beldroegas entre as lajes, e na outra dormia a mãe, num sofá-cama encostado ao forno.

Esta menina, Malinka, tinha um quarto só para si porque era uma flor insignificante mas também uma espécie de princesa, oh tão solitária, tão pouco reconhecida.

Era uma princesa para a sua mãe, que amiúde a tratava por princesa, a mãe de Malinka, que não era uma rainha para ninguém mas uma simples criada de servir e acabou por parecer isso mesmo aos olhos desta menina, Malinka.

«A minha princesa», dizia a criada de servir com mais convicção do que dizia «a minha filha», e Malinka, que fora de casa não era especial, convertera certamente o título em vaidade, pensava Clarisse Rivière, apesar de ser uma menina muito solitária, ou precisamente por causa disso.

A mãe servia e fazia limpezas no exterior, em escritórios e grandes apartamentos para onde levava por vezes Malinka, recomendando-lhe que não tocasse em nada, e também servia e limpava em casa delas, nessas duas divisões habitadas por uma princesa sem esplendor.

Esta menina, Malinka, dentro de quem se debatiam uma grande timidez e uma grande presunção, ia à escola seguindo a via-férrea, e nada a distinguia das outras crianças que ela encontrava no recreio, a não ser o facto de não ter amigos nem inimigos e de não dirigir a palavra a ninguém.

Estava sempre mais bem vestida do que a maior parte das outras meninas, porque a mãe lhe trazia saias muito bonitas que mal tinham sido usadas e vestidos elegantes oferecidos pelas mulheres que a empregavam.

A mãe dela, que era uma criada, não parecia ser a mãe de Malinka, que era uma princesa.

De modo que, um dia em que a mãe a veio buscar à escola e uma outra menina, interpelando-a pela primeira vez, lhe perguntou, com uma careta de espanto e repulsa, quem era aquela mulher, Malinka respondeu: «É a minha criada», e pareceu-lhe que dizia uma grande verdade.

A repulsa desapareceu por completo do rosto da sua colega, que deixou escapar um pequeno «Ah!» satisfeito e discretamente admirativo.

E Malinka compreendeu que a repugnância se teria apoderado do próprio corpo da outra menina, que esta teria estremecido e recuado com uma espécie de horror, se ela lhe tivesse respondido: «É a minha mãe», e que isso teria sido aquilo a que se chamava mentir, porque a mentira era feia e provocava aversão.

Mesmo isolada, mesmo incolor, uma princesa não seria capaz de mentir, teria pensado Malinka.

Era assim que Clarisse Rivière via as coisas.

Essa menina, Malinka, já era uma causa perdida desde a infância.

Em contrapartida, Clarisse Rivière também sabia que era verdade, como de resto Malinka intuía muito cedo, que a existência delas não interessava a ninguém, não porque estas duas criaturas, a criada e a filha venerada, inspirassem antipatia, mas apenas porque nenhum laço as ligava a outra pessoa.

A mãe de Malinka não tinha pais, nem irmãos, nem irmãs, embora nunca o tivesse dito nem falasse do assunto, mas talvez tivesse havido, pensou mais tarde Malinka, nessa província incerta de onde ela vinha, pessoas que alegavam ser seus pais, irmãos, irmãs.

Contudo, como a mãe de Malinka nunca falava deles, ela e Malinka não se encontravam na zona de afeto e de solicitude de ninguém, e quando, ao cair da noite, a porta da minúscula casa ao fundo do pátio se fechava sobre elas, e a chuva martelava nas vidraças e fazia estremecer as janelas, Malinka sentia-as tão sós como se o mundo inteiro em redor estivesse morto, porque não havia nesse mundo amor

algun que lhes fosse destinado, e ninguém trocava uma palavra de ternura ou de inquietude por elas, a criada de rosto esguio e longos membros inquietos e aquela a quem chamava sua filha, apesar das aparências.

Quando pensava nisso, era raro, Clarisse Rivière via as coisas assim: esta menina, Malinka, ainda mal devia saber falar, raras vezes fora uma palavra articulada pela sua boca, e já temia que nela se inscrevesse o leve sotaque da criada, coisa que a teria consternado.

Por isso, calava-se ou, aqui e ali, respondia à sua mãe, que só lhe fazia perguntas sobre a escola por princípio e não tinha a mais pequena ideia do que devia ouvir em resposta, tão desconhecido lhe era aquele universo.

A mãe de Malinka era uma mulher natural e inexplicavelmente alegre, recordava-se Clarisse Rivière.

Chegava a casa cheia de sacos, pesada da chuva e do cansaço, acendia o gás e punha a cozer um bom pedaço de carne acompanhado de legumes que descascara e cortara de manhã, antes de partir, e os seus cozinhados enchiam sempre o ar de um odor são, delicado e saboroso, alegre como ela, a mãe de Malinka, que cantarolava, dava no chão de ladrilhos os passos rápidos de uma dança deslizando, e nunca se queixava ou resmoneava.

Assim, Malinka, que nunca era convidada para ir a casa de ninguém, também não podia comparar a sua vida com a vida das outras crianças, e acreditou durante muito tempo que a sua mãe de nada culpava a existência, ou quem quer que fosse, nem mesmo aquele cujo rosto procurava no meio da multidão, e cuja silhueta ou modo de andar tentava febrilmente reconhecer em todos os homens que via, embora essa esperança absurda se escondesse sob palavras de lucidez e de paciência e não parecesse ser aquilo que era.

**Artífice de uma obra literária que não se esquivava
a provocar desassossego, Marie NDiaye
traz-nos uma história de laços de sangue,
pesadas heranças e segredos intocáveis.**

«Trinta anos mais tarde, ainda se censuraria por ter mostrado a Ladivine, nas primeiras semanas da sua existência, a inquietante figura da melancolia.»

Todos os meses, há um dia em que Clarisse Rivière — ou melhor, Malinka — deixa o marido e a filha, apanha um comboio em segredo e vai visitar a mãe — Ladivine —, que a criou sozinha, na periferia de Paris, quando não estava a trabalhar nas limpezas. Anos antes, Malinka mudara de cidade e de nome e, durante muito tempo, manteve um jogo duplo: a sua nova família desconhecia a existência de Ladivine. Até que, abandonada pelo marido, Malinka/Clarisse procura conforto num homem perigoso, que precipitará uma tragédia.

Será a filha de Clarisse — de nome Ladivine — quem virá juntar os despojos destas muitas vidas. Sobre ela, contudo, paira também um mistério, talvez uma maldição. De férias num país longínquo, é confundida, na rua, com outra mulher. Sucedem-se episódios violentos, inverosímeis. Haverá redenção para os fantasmas do passado?

Narrativa magistral sobre um legado de vergonha transmitido entre mulheres da mesma desafortunada família, a malha apertada de *Ladivine* oscila entre uma realidade crua e um plano quase mitológico, profundamente inquietante.



**«Uma obra poética, em que o fardo do amor familiar e dos enigmas
que herdamos se revela impossível de suportar.»**

The New Yorker

**«Se algum escritor europeu contemporâneo está prestes a alcançar
um reconhecimento como o de Elena Ferrante, é Marie NDiaye,
e com todo o mérito.»**

Flavorwire

**ROMANCE FINALISTA DO BOOKER PRIZE
E DO INTERNATIONAL DUBLIN LITERARY AWARD
AUTORA VENCEDORA DO PRÉMIO GONCOURT**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
f alaguaraeditora
@penguinlivros

ISBN: 978-989-583-628-4



9 789895 836284

CNL
CENTRE
NATIONAL
DU LIVRE